ESPAÇO DE DIÁLOGO XV - URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

ÍNDICE

- **CONFLITOS AMBIENTAIS DO BAIRRO RESTINGA/POA/RS E A ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL 2**
- **DIAGNÓSTICO SOCIOESPACIAL DO URBANO DO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO/RS 4**
- **QUANDO AS LUZES SE APAGAM: UM OLHAR SOBRE A CINEMATOGRAFIA DA CIDADE DO RIO GRANDE 7**
- **AS FERROVIAS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO – VELHAS FORMAS, NOVAS FUNÇÕES: UM ESTUDO DO TRANSPORTE FERROVIÁRIO EM PASSO FUNDO – RS10**
- **AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E SOCIECONÔMICAS DE HORIZONTINA – RS 12**
- **FORTES MILITARES E RELIGIÃO COMO AGENTES DA URBANIZAÇÃO GAÚCHA.UMA VISÃO DA REVISTA DO IHGRGS 14**
- **BALNEÁRIO CASSINO-RIO GRANDE-RS: SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL E PROBLEMAS AMBIENTAIS. 16**
- **AGLOMERAÇÃO URBANA DO SUL: ANÁLISE DO PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO 18**
- **URBANIZAÇÃO, DEGRADAÇÃO E DOMINAÇÃO DA NATUREZA: INFLUÊNCIA DO ARROIO SANTA BÁRBARA NA PAISAGEM URBANA DE PELOTAS. 20**
- **ANUNCIANDO UM NOVO ESTILO DE VIDA: OS CONDOMÍNIOS FECHADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE 23**

CONFLITOS AMBIENTAIS DO BAIRRO RESTINGA/POA/RS E A ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

CLAÚDIA LUÍSA ZEFERINO PIRES[1];AMARILDO AUGUSTO VEIGA[2];LEANDRO CASTRO PASTORIZA[3];
PAULO ROGÉRIO CONCEIÇÃO DE FRAGA[4]

Esta pesquisa visa analisar os conflitos ambientais decorrentes da urbanização no Bairro Restinga/POA. Este projeto, mais especificamente, realizou um diagnostico ambiental a fim de promover o entendimento sobre os conflitos gerados localmente e valorizar o ambiente e o indivíduo na sua inserção no espaço local/global.

Metodologicamente a interpretação geográfica dos conflitos ambientais e territoriais do Bairro Restinga – realizada a partir de cartas temáticas e narrativas (falas) da comunidade local – permitiu compreender o conceito de ambiente a partir da coexistência dos elementos naturais e sociais na sua interação e na sua contradição, revelando nas suas significações complexas as subjetividades dos indivíduos em relação ao ambiente.

Os procedimentos metodológicos adotados foram: trabalhos de campo realizados em ecossistemas importantes do Bairro Restinga junto à comunidade, atualização das cartas produzidas do Bairro Restinga, confecção de cartas temáticas com utilização de Geoprocessamento para reconhecimento e espacialização dos conflitos associados aos processos morfodinâmicos e apropriação espacial, levantamento de dados junto a órgãos públicos, análise das condições hidrológicas do arroio do Salso.

A partir das cartas temáticas observa-se que a expansão urbana vem modificando a dinâmica natural das vertentes, em especial no setor oeste e noroeste das encostas do morro São Pedro. O processo de ocupação atinge, também, as proximidades do leito do Arroio do Salso, desrespeitando a faixa de conservação

[1] Diretora e professora do curso de geografia da ULBRA – Canoas/RS. Orientadora da Pesquisa
[2] Acadêmico do curso de geografia da ULBRA. Bolsista da FAPERGS
[3] Acadêmico do curso de geografia da ULBRA e Bolsistas voluntários da Pesquisa
[4] Acadêmico do curso de geografia da ULBRA e Bolsistas voluntários da Pesquisa

estabelecida em lei, reduzindo a infiltração e dificultando o abastecimento do lençol freático, desperenizando, assim, alguns afluentes e alterando as velocidades de fluxos de superfície, aumentando a atividade morfodinâmica.

Algumas dessas áreas apresentam restrições a construções, haja visto que se encontram na área da várzea do Arroio do Salso, tornando-as alagadiças e vulneráveis aos intensos solapamentos laterais devido ao acúmulo de resíduos sólidos. As áreas próximas ao morro São Pedro encontram restrições devido à declividade acentuada do terreno que pode provocar desmoronamentos e rolamentos de matacões. Os processos erosivos intensificam as áreas de deposição de sedimentos junto ao arroio do Salso, ocasionando assoreamento do mesmo e conseqüentemente enchentes sazonais.

A interpretação dos dados permite observar que o processo de ocupação do Bairro Restinga vem crescendo de forma desordenada e intensa, ocasionando conflitos ambientais, principalmente em áreas com potencial de reserva biológica e ecológica. Nesse sentido é necessário buscar ações para formação de sujeitos ecológicos – interpretes ambientais e multiplicadores de novas leituras do espaço vivido – tornando a geografia do lugar uma referência na discussão das condições simbólicas presentes na relação sociedade/natureza.

BIBLIOGRAFIA:

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher,1980.
GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1991
MORIN, E. *O Método. A Natureza da Natureza*. Lisboa: Publicações Europa América, 1996.
REGO, Nelson. et alii. *Geografia e Educação: Geração de Ambiências*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
REGO, Nelson. et alii. Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos. Geografizando em Educação – O Local e o Global. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2003
SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço - Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

DIAGNÓSTICO SOCIOESPACIAL DO URBANO DO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO/RS

CLÁUDIA ARESI[5];LUCIANE R.DE BITENCOURT[6];JUÇARA SPINELLI[7]

A pesquisa é um estudo sobre as características sociais, econômicas e espaciais do espaço urbano do município de Passo Fundo - RS, buscando definições a cerca dos grupos sociais e do território. O presente projeto, justifica-se ao considerar que: a expansão urbana de Passo Fundo não foi orientada para um planejamento integrado quanto aos interesses imobiliários e as necessidades de infra-estrutura; há superposição de limites entre os supostos bairros de acordo com a origem de definição, política e cultural; a indefinição dificulta a sistematização do trabalho de concessionárias e instituições prestadoras de serviços públicos, que acabam utilizando critérios próprios para delimitação dos supostos bairros.

Assim, o que se propõe visa subsidiar, teoricamente, as decisões e as ações no urbano de Passo Fundo, o que implica na vida cotidiana dos seus cidadãos. Os objetivos deste estudo compreendem: identificar as novas formas de organização do espaço urbano do município a partir de uma contextualização socioespacial confrontada com dados secundários; identificar e localizar a ocorrência de novas formas, funções e estruturas no espaço urbano do município; caracterizar a população urbana através dos indicadores socioeconômicos e culturais; subsidiar ações no sentido de nortear uma definição de organização territorial do espaço urbano do município de Passo Fundo.

A pesquisa conta com três momentos: a realização de um levantamento de base secundária; a realização de visitas as associações de bairros, agentes econômicos e representantes do poder público municipal e a realização de

[5] Acadêmica do Nível VII do Curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo e bolsista PIBIC/UPF.
[6] Professora Pesquisadoras do Curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo – UPF.
[7] Professora Pesquisadoras do Curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo – UPF.

entrevistas, através de um instrumento de pesquisa, a uma amostragem dos moradores urbanos. Até o momento fez-se a conclusão do embasamento teórico que subsidia este estudo, percorrendo autores como Tedesco (1998), Alentejano (2000), Santos (1996), Gonçalves (1995), Veiga (2002), Lefebvre (1991, entre outros. Realizou-se, também, o levantamento de bases secundárias, onde foram definidos e sistematizados indicadores relativos à dinâmica demográfica, à economia local, à renda e ocupação, à saúde, à educação, à moradia e saneamento básico, incluindo algumas medidas de qualidade de vida.

A partir dos resultados encontrados, podemos concluir que a população do município de Passo Fundo apresentou um acréscimo de 44,29% no decorrer das quatro décadas (1970 a 2000). Constatou-se, também, que a população referente ao sexo feminino manteve-se superior a do sexo masculino nos quatro censos em análise, apresentando em 1970 um acréscimo de 5,94%, em 1980 de 7,85%, em 1991 de 8,47% e em 2000 de 7,90%.

Outro aspecto também evidenciado foi referente ao número de estabelecimentos e de empregados ligados à produção de bens de consumo não duráveis, por gênero de indústria no município, onde se destacou em 1986, 1987 e 1988, o maior número de estabelecimentos da indústria de minerais não-metálicos. No entanto, em 1989 e 1993 o número maior de estabelecimentos passou para o setor de vestuários e artigos em tecido. Quanto ao número de empregados, em 1986, 1987, 1988 e 1989 foi o setor mecânico que apresentou maior número, perdendo apenas em 1993 para o setor de produtos alimentícios.

A composição dos domicílios, de acordo com o número de pessoas residentes no município de Passo Fundo é predominantemente até a faixa de 6 a 10 pessoas em todos os anos do Censo Demográfico em análise. No entanto, registrou-se poucos domicílios que apresentavam mais do que 11 pessoas residentes. Quando isto foi constatado, percebeu-se que predominou somente nos censos de 1970 e 1980, uma vez que nos demais anos não houve grandes incidências.

Nota-se, também que o município de Passo Fundo é composto na sua maioria de moradores que residem já um determinado tempo no local, uma vez que a maioria de seus moradores apresentaram de 7 a 14 anos ou mais de residência no município.

Estas informações foram obtidas junto a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMPF) e Associação do Comércio, Indústria e Agropecuária de Passo Fundo (ACISA).

QUANDO AS LUZES SE APAGAM: UM OLHAR SOBRE A CINEMATOGRAFIA DA CIDADE DO RIO GRANDE

DANIEL GODOY[8]; IVANA NICOLA LOPES[9]

Resumo

Um dos fenômenos mais estudados, neste último século, é o da urbanização. Mais do que nunca a pluralidade de esforços de distintas áreas contribuiu para uma maior aproximação que possibilita a panorâmica de conjunto, mantendo o fenômeno aberto e receptivo a diversas leituras. Uma delas pode ser realizada ao estudar os cinemas do centro urbano na cidade do Rio Grande.

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar o cinema em dois aspectos: um físico, englobando a morfologia dos prédios, a arquitetura, sua distribuição no espaço urbano e a migração do cinema de dentro dos Teatros para um espaço próprio e em fim para dentro dos shopping's centers; e um aspecto subjetivo que envolve o comportamento do espectador em uma analise histórica tentando compreender como o cinema interagem com o cotidiano de cada individuo.

A cidade do Rio Grande é uma cidade de porte médio, atualmente com cerca de 180 mil habitantes, que já chegou e ter doze cinemas de 35 mm, entre eles alguns se destacaram por suas instalações luxuosas que não deixavam em nada deixavam a desejar quando comparados com os cinemas da capital Porto Alegre.

Os cinemas de 35mm espalhavam-se pela região central, com seus cinematógrafos atendiam tanto uma elite local como a grande massa, em suas telas eram exibidos os filmes que se tornaram os grandes clássicos, em uma época que a maioria das cidades de porte semelhante possuíam somente em seu aparato cultural uns dois ou três cinemas e um ou dois teatros, e todos modestos. O cinema nasceu em Rio Grande dentro do teatro, é dividiu espaço com as grandes companhias teatrais do Rio Grande do Sul e do Brasil que tinham como rota obrigatória as cidade de Pelotas e Rio Grande.

[8] Estudante de Geografia Bacharelado FURG – Bolsista FAPERGS
[9] Doutora em Hisória da Arte, Professora do Departamento de Letras e Artes - FURG

Ao analisar o histórico rio-grandino, percebemos que além de sala de projeção os mesmos serviam como sala de espetáculos, os cine-teatros, uma adaptação dos teatros tradicionais à chegada do cinematógrafo porem com o passar do tempo acabou dentro de um shopping center.

O espaço cinematográfico também era reduto de outros acontecimentos pois eram os principais pontos de aglutinação de pessoas dentro do espaço urbano. Contudo temos que ter claro que jamais poderemos reconstruir o passado, ou compreender com exatidão as relações sociais de outrora, pois por mais que um fenômeno esteja documentado o nosso interpretar certamente sofre uma distorção seja pela força de preconceitos ou modos de ver o presente e o passado, toda via ao buscarmos interpretar a memória oral ou a escrita é a forma que temos de compreendermos as relações do individuo com os lugares estudados.

Para lançar uma nova luz sobre o fenômenos abordados, teremos que primeiramente compreender quem são e como vivem o grande publico atual dos cinemas contemporâneos. A essa questão é pertinente discutirmos sobre os estilos de vida desse publico.

Pierre Bourdieu nos lança aos olhos o fato de que o conhecimento das características pertinentes à condição social e econômica só permite compreender a posição de indivíduo ou grupo no "espaço dos estilos de vida" (ou seja, nas práticas através das quais ele se marca e demarca) se for simultâneo ao conhecimento (prático ou não) da fórmula generativa do sistema de disposições generativas (habitus) no qual essa condição econômico-social se traduz.[10]

Assim o habito de ir ao cinema parece estar intimamente ligado a condição sócio-econômica, a disponibilidade a educação e a classe social a qual o individuo esta inserido, o que nos remete ao estilo de vida seguido por ele.

Nesse sentido se nos restringíssemos as fontes tradicionais de pesquisa, como fotos e arquivos, jamais seria possível compreender a relação existente entre individuo-lugar. Lançamos assim nossos esforços para esta pesquisa através de uma revisão bibliográfica afim de que nos fornecesse um embasamento teórico-conceitual, está em andamento a realização de pesquisas em arquivos municipais como uma tentativa de recuperar um acervo fotográfico para contrapormos passado

[10] BOURDIEU, Pierre La Distinction. Critique sociale du jugement. Les Editions de Minuit, Paris, 1979. in AMARAL, Rita de Cassia Estilos de Vida, disponivel em http://www.aguaforte.com/antropologia/estilo.htm

e presente e realizando entrevistas de cunho “qualitativo” afim de compreendermos 1. O rito do cinema e o comportamento do espectador, 2. O cinema sua estrutura e conjuntura atual 3. As lembranças do cinema em uma era de magia 4. As alterações morfológicas dos espaços no processo de transformação teatro/cinema: os cine teatros e a migração do espaço cinema para dentro dos Shopping Centers.

Desta maneira falar de cinema do passado é fazer uma reconstrução do passado, lançando novos olhares sobre o presente, mergulhamos na lembranças de uma época, nas descobertas, nas transformações que a sociedade pós moderna sofreu ao longo de todo século XX.

AS FERROVIAS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO – VELHAS FORMAS, NOVAS FUNÇÕES: UM ESTUDO DO TRANSPORTE FERROVIÁRIO EM PASSO FUNDO – RS[11]

DESIRE RIBAS[12];ZÉLIA GUARESCHI FIOREZE[13]

Decorrência e propulsor da indústria moderna, o transporte ferroviário foi de tão grande importância levando muitos autores a afirmar que o século XIX foi "século dos caminhos de ferro".

Inaugurado em 1854, o desenvolvimento do transporte ferroviário no Brasil está diretamente ligado à expansão da cultura cafeeira, nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo que, refletindo o modelo agro-exportador, desenvolveu um traçado de redes regionais interligando as áreas produtoras aos portos exportadores. Por essa razão, as ferrovias brasileiras não processaram a integração inter-regional, desenvolvendo um traçado tipicamente periférico.

No Rio Grande do Sul, a estrada de ferro foi inaugurada em 1874, estabelecendo ligação entre Porto Alegre e São Leopoldo. Seu surgimento associou-se à expansão do capitalismo, favorecendo a ligação de mercados afastados, o escoamento da produção e o deslocamento de passageiros, além da satisfazer às necessidades estratégicas da região sul ancoradas na preocupação com a segurança das fronteiras meridionais. É no contexto de abertura do mercado de terras do Centro-Norte do estado, o que data do final do século XIX e início do século XX, que a construção de ferrovias se torna de vital importância por promover a ligação do norte do Rio Grande do Sul com as demais regiões do estado e do Centro-Sul do Brasil. Na abertura da estrada de ferro Santa Maria – Marcelino Ramos registra-se a passagem por Passo Fundo, cuja inauguração ocorreu em janeiro de 1898, tornando esta cidade um centro coletor da vida econômica e social de todo o norte do planalto.

[11] O texto é um recorte adaptado do Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia – TCC – da UPF, concluído em 2003/2.
[12] Finalista do Curso de Geografia, UPF.
[13] Professora do Curso de Geografia e orientadora do TCC.

A instalação da estrada de ferro e da estação ferroviária no centro da cidade de Passo Fundo mostra que o trem modificou o eixo de expansão urbana. Assim, ao longo da ferrovia formaram-se novos empreendimentos, atraindo comerciantes, aumentando a população e a urbanização. A expansão do núcleo central, que já se fazia no sentido oeste-leste ao longo da rua do Comércio (antigo caminho das tropas), passou a avançar, também, no sentido norte-sul ao longo da via férrea. Constatam-se, então, os dois eixos que se estenderam em direções opostas: a rua do Comércio (hoje av. Brasil) e a via férrea (atual av. Sete de Setembro), provocando o crescimento urbano da cidade em direções, tempos e contextos diferentes. O transporte ferroviário, no entanto, não teria uma história muito longa, tanto em termos de Brasil como de estado ou região. Os sinais de debilidade foram se acentuando já a partir de 1930 e, a partir de 1950, a ferrovias perdem espaço para as modernas rodovias que passaram a receber grandes investimentos enquanto aquelas, gradativamente, foram sendo deixadas de lado.

Passo Fundo vivenciou essa crise numa situação duplamente crítica: de um lado, os reflexos da crise nacional do transporte ferroviário; de outro, a via férrea atravessava a área urbana que ela própria ajudou a crescer tornando-se uma ameaça à segurança do tráfego urbano. A retirada dos trilhos da área urbana ocorreu no início da década de 1980: em 1982 a via férrea foi deslocada para áreas periféricas e, numa permuta com a Prefeitura Municipal, esta assumiu o controle do leito e das margens dos antigos trilhos, cuja retirada abriu espaço para a construção da avenida Sete de Setembro e do Parque da Gare. A edificação que se destinava à estação ferroviária e que testemunhou intenso movimento de passageiros, hoje registra outro grande movimento, porém de natureza diversa: o funcionamento do Mercado do Pequeno Produtor, onde são comercializados produtos agrícolas diretamente ao consumidor, entre outras atividades São, portanto, novas funções sobre velhas formas. Essa (re)organização espacial, essa nova apropriação remete à idéia de que o espaço é um produto social em permanente transformação e que as construções espaciais expressam os conteúdos das relações sociais que num determinado tempo / lugar engendraram determinadas funções. É exemplar nesse sentido, a análise da forma e da função do antigo prédio da estação ferroviária de Passo Fundo e perceber que a organização espacial acumula formas herdadas do passado enquanto assumem novas funções no presente.

AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E SOCIECONÔMICAS DE HORIZONTINA – RS[14]

ELVIS ALBERT ROBE WANDSCHEER[15], MERI LOURDES BEZZI[16]

O município de Horizontina - RS, ressalta-se, na atualidade, dos demais municípios que integram a área Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um município de características urbanas muito acentuadas, com um setor rural de pequena expressividade em relação ao total de seu contingente populacional. Tal fato é decorrente do desmembramento do Município de Dr. Maurício Cardoso que levou consigo 253 Km^2 de área de Horizontina. Segundo dados do Censo do IBGE (2000), o sítio urbano de Horizontina corresponde a 3,53% do território municipal, encontrando-se nesta 76,33% da população. A deficiente infra-estrutura para a população recém chegada e o aumento dos postos de trabalho oriundos principalmente da consolidação do Distrito Industrial, contrasta com uma agricultura pouco significativa que não chega a 8,5% do PIB municipal. Salienta-se também que o êxodo rural se configura de forma expressiva neste município. Por outro lado, a expansão urbana é enfocada pela administração municipal através do Plano Diretor, que divide o município em 22 Bairros, destacando-se principalmente o distrito industrial. Este vem se expandindo significativamente juntamente com sua periferia. Tem-se como conseqüências da urbanização acelerada a prestação de serviços e o aumento de superfícies impermeabilizadas. No primeiro caso tem-se o abastecimento da população como principal problema, uma vez que o aumento desenfreado desta, aliado a uma ocupação desordenada pode trazer sérios problemas de ação antrópica. No segundo tem-se o aumento da superfície impermeabilizada que pode gerar, em algumas áreas específicos problemas de alagamento se não houver um controle quanto a esta questão.

[14] Trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa do Núcleo de Estudos Regionais e Agrários-NERA/CCNE/UFSM.
[15] Acadêmico do Curso de Geografia, Autor/Depto. De Geociências/CCNE/UFSM.
[16] Orientadora, Prfª. Drª do Depto. De Geociências/CCNE/UFSM.

Metodologicamente o trabalho está centrado, principalmente, no banco de dados da Prefeitura Municipal, de Horizontina tendo como fontes secundárias dados censitários do IBGE, juntamente com dados estatísticos da FEE. Como considerações finais enfatiza-se que frente a todas essas mudanças oriundas da dinâmica espacial, faz-se necessário à minimização dos problemas de expansão urbana do município através de uma análise eficaz que possa trazer a população melhoria das condições sociais, ambientais e econômicas de Horizontina, procurando desenvolver alternativas que visem à melhoria da infraestrutura urbana e novas frentes de trabalho.

BIBLIOGRAFIA:

SOUZA, C. F. **Contrastes Regionais e Formações Urbanas**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. 94 p.

MOTA, M. (org). **Humanidades - As Tensões do Espaço**: A Geografia como Ciência do Século XXI. 41.Ed. Brasília: ed. UNB, s/d. 74 p.

FUNDAÇÃO ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE. Anuário Estatístico de 1997. (CD-ROOM). Porto Alegre: Rio Grande do Sul.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Banco de Dados. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 14 Março de 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE HORIZONTINA. Banco de Dados. Disponível em: <http://www.horizontina.com/horizontina/omunicipio.php>. Acesso em: 14 Março de 2004.

FORTES MILITARES E RELIGIÃO COMO AGENTES DA URBANIZAÇÃO GAÚCHA.UMA VISÃO DA REVISTA DO IHGRGS[17]

EVA JOELMA DE SOUZA THANS[18];ZÉLIA GUARESCHI FIOREZE[19];ANA MARIA RADAELLI DA SILVA[20]

O fenômeno da urbanização, atualmente, vem sendo amplamente difundido nas discussões do meio geográfico de forma que nos motivou para uma análise dessa abordagem, nas publicações da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no período de 1938-2001, a qual nos aponta referências sobre o meio urbano e sua expansão na construção do território gaúcho.

Sabemos que o espaço urbano é caracterizado, primeiramente, pelo núcleo habitacional que o compõe, pois é o aglomerado de pessoas e habitações que caracterizam o espaço urbano. Como agente secundário, temos a economia caracterizada pelas atividades industriais, comerciais e de prestação de serviços.

A urbanização no Brasil atinge seu auge no século XX, após o ciclo da industrialização brasileira, que surge como uma tentativa de desenvolvimento para o país. Porém, a história dos núcleos urbanos, muitos dos quais tornaram-se importantes cidades, tem sua origem anterior a esse ciclo. É esse resgate do início da ocupação/urbanização do Rio Grande do Sul que enfocamos aqui.

Historicamente, sabemos que a origem de muitas cidades, surgidas ainda no Brasil Colonial, em especial no Rio Grande do Sul, refletem a história de ocupação e territorialização do nosso estado, a qual se fez com lutas e disputas entre espanhóis e lusitanos, fator que teve importância marcante no surgimento dos primeiros aglomerados urbanos do Rio Grande do Sul. Na revista do IHGRGS, os temas que nos permitem uma leitura do urbano são escritos por autores de formação e atuação diversa, distribuídos ao longo de todo o período de produção e objetivam, basicamente, registrar o surgimento de núcleos urbanos do estado.

[17] Discussão parcial de pesquisa em andamento “Geografia, Ciência e Ensino no Rio Grande do Sul: Produção do Saber Geográfico na Visão do IHGRGS”.
[18] Acadêmica do curso de Geografia, nível V. Bolsista PIBIC/UPF.
[19] Profª. do Curso de Geografia. Orientadora e Coordenadora do projeto.
[20] Profª. do Curso de geografia. Colaboradora do projeto

Muitas cidades surgiram de acampamentos militares portugueses com objetivo guardar território, que, para tanto, eram fixados em terrenos de posição estratégica, de preferência em locais elevados e, dessa forma, os estabelecimentos militares poderiam garantir não só a posse da terra como também a segurança e defesa contra invasores. Exemplo disso temos o núcleo urbano de Rio Grande, o mais antigo aglomerado luso da história do estado, que surgiu com a construção do forte português Jesus Maria José, que abrigava o presídio de Rio Grande. Era, também, uma forma de os portugueses garantirem a ocupação do território, além de exercer funções militares e administrativas. Por outro lado, mesmo não tendo surgido com pretensões urbanas, adquiriu as formas e funções das mesmas.

Outro enfoque da revista é sobre a fundação de Torres. O surgimento de uma guarnição militar no local não foi suficiente para fazer surgir o aglomerado urbano, o que só aconteceria anos mais tarde com a instalação de uma capela, uma das formas que também marcou o inicio da urbanização no Rio Grande do Sul – o marco da religiosidade.

Ao recorrermos aos artigos sobre urbanização, na revista do IHGRGS, verificamos que os mesmos, no geral, abordam o surgimento das cidades gaúchas ou por fortes militares ou por instalação de capelas evidenciando o interesse que os povoadores portugueses demonstravam em relação à segurança e conquista de territórios bem como a divulgação e vivência do cristianismo.

BALNEÁRIO CASSINO-RIO GRANDE-RS: SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL E PROBLEMAS AMBIENTAIS.[21]

A cidade é o *locus* da concentração de meios de produção, meios de consumo coletivo e concentração de pessoas. As contradições de uma sociedade segregadora fundamentada nas relações de trabalho e de capital se materializam no espaço urbano gerando uma forte diferenciação interna e uma variedade de impactos ambientais que afetam a qualidade de vida da população.

No município de Rio Grande o processo não é diferente. O bairro Balneário Cassino administrado por uma Secretaria Especial, vem apresentando um crescimento acelerado e constante nos últimos anos.

Mediante estudos e dados coletados verificamos que o balneário sofre uma urbanização fragmentada em três vetores sociais diferenciados, atuando em conjunto com os agentes formadores do espaço urbano de Lobato Corrêa, com formas distintas de ocupação do solo urbano, ocasionando diferentes tipos de impactos ambientais onde cada área apresenta problemas urbanos específicos.

O primeiro vetor, o mais antigo, é direcionado pelas classes hegemônicas ou pelos grupos sociais de alto status com demanda solvável para o capital imobiliário, ocupando áreas centrais do balneário com toda infra-estrutura e serviços instalados. Nestas áreas ocorre o predomínio das residências de veraneio e a concentração comercial, de serviços e ócio.

O segundo vetor, talvez o mais recente, é caracterizado pela classe media com razoável poder aquisitivo (demanda solvável), onde os promotores imobiliários juntamente com os proprietários fundiários e o Estado criam loteamentos afastados da zona central com infra-estrutura e financiados pelo SFH (Sistema Financeiro de Habitação). Estas condições propiciam a esta classe a possibilidade de adquirir um imóvel próprio.

[21] Trabalho de graduação em Geografia Bacharelado apresentado por Paulo Ricardo Salati de Souza, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares do Departamento de Geociências da FURG.

O terceiro vetor é direcionado pelos grupos sociais excluídos, que representam os moradores antigos do balneário que devido à especulação imobiliária são arrastados para áreas periféricas, bem como por contingentes oriundos de outras zonas do município que não podem pagar aluguel e não encontram áreas para realizar posse irregular devido a fisiografia do sitio urbano. Esses grupos sociais ocupam terrenos de marinha à beira mar sobre o cordão de dunas, afastados da zona central do balneário e sem infra-estrutura, produzindo uma "favelização litorânea", modelando e produzindo seu próprio espaço diferenciado dos demais.

A associação desses vetores produz um espaço urbano segregado no balneário que cresce e impacta o meio ambiente idêntico à moderna cidade capitalista.O Cassino constitui-se assim um bairro atípico, com espaços diferenciados.

O Bairro Balneário Cassino está perdendo seu status de balneário nobre historicamente criado para atender a elite, deixando de ser um bairro exclusivo para veraneio, para tornar-se uma zona de expansão urbana do município de Rio Grande.

AGLOMERAÇÃO URBANA DO SUL: ANÁLISE DO PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO

PAULO ROBERTO RODRIGUES SOARES[22];LEANDRO COLL FARIA[23];GUILHERME AFONSO HALAL[24]

A urbanização no Rio Grande do Sul é um processo dinâmico, desenvolvendo uma rede urbana complexa que conforma distintas territorialidades – expressões das novas formas de concentração da população e dos sistemas técnicos no território. Entre estas a Região Metropolitana de Porto Alegre, a Aglomeração Urbana de Caxias do Sul (AUNE), a *Aglomeração Urbana do Sul* (AUSul), além da recentemente institucionalizada "Aglomeração Urbana do Litoral Norte".

A Aglomeração Urbana do Sul foi delimitada pelo Projeto de Lei Complementar nº 271, englobando os municípios de Pelotas, Capão do Leão, Rio Grande, São José do Norte e Arroio do Padre. Os principais pólos da aglomeração (Rio Grande e Pelotas, distantes 60 km) apresentam períodos de desenvolvimento industrial, comercial e urbano, bem como períodos de crise e estagnação, em muitos casos, coincidentes. Nas primeiras décadas do século XX conformavam um importante pólo industrial, rivalizando com Porto Alegre. Recentemente, se inserem na problemática da chamada *Metade Sul do Rio Grande do Sul* e, mesmo numa conjuntura de relativa "estagnação econômica regional", exercem importante papel de pólos econômicos e de atração de fluxos migratórios de centros urbanos menores e das zonas rurais do seu entorno.

A Aglomeração Urbana do Sul, congregando quase 600 mil habitantes, pode ser considerada uma forma espacial emergente, característica da atual fase de reestruturação sócio-espacial do capitalismo tardio, na qual se processa a "mudança da escala da urbanização".

Em diferentes análises realizadas, Pelotas e Rio Grande foram consideradas como um centro regional único, caracterizado pela "complementaridade de funções".

[22] Professor do Departamento de Geociências da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
[23] Estudante do curso de Geografia (Licenciatura) da FURG. Bolsista PIBIC/CNPq.
[24] Estudante do curso de Geografia (Bacharelado) da FURG. Bolsista BIC/Fapergs.

Recentemente, o estudo *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil* (IBGE, IPEA, Unicamp, 1999) classificou o "aglomerado urbano" Pelotas-Rio Grande como uma "aglomeração urbana não-metropolitana de 2ª. ordem".

Durante a década de 1990 produziram-se grandes mudanças nas escalas da metropolização e na própria complexidade do fenômeno urbano no território brasileiro, com o surgimento de novos conjuntos espaciais polarizadores do crescimento da população urbana e que realizam o papel de centros metropolitanos à escala regional (DAVIDOVICH, 2001).

Entre os conceitos formulados para dar conta dos novos fenômenos da urbanização está o de *sistema funcional urbano*, considerado um "âmbito de vida, de mobilidade pendular cotidiana e de mobilidade residencial daqueles que vivem em um território urbanizado". A estes âmbitos correspondem mercados de trabalho e de serviços geograficamente distintos, mas que ao estarem fortemente articulados por sistemas de transporte e comunicações equivalem à escala do município em períodos históricos anteriores (DEMATTEIS, 1998).

Em nossa pesquisa aprofundamos os estudos sobre a *Aglomeração Urbana do Sul*, ampliando as análises realizadas anteriormente e que serviram de base para instituição deste novo conjunto urbano na organização territorial do Estado do Rio Grande do Sul. Ao analisar as formas de crescimento espacial e de integração funcional dos principais centros urbanos da aglomeração, pretendemos verificar a convergência de processos urbanos que justifiquem sua instituição, bem como contribuir para o seu futuro e necessário processo de planejamento urbano e territorial integrado.

URBANIZAÇÃO, DEGRADAÇÃO E DOMINAÇÃO DA NATUREZA: INFLUÊNCIA DO ARROIO SANTA BÁRBARA NA PAISAGEM URBANA DE PELOTAS.

RICARDO SACHE DA SILVA[25]; **ROSA ELENA NOAL**[26]

Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista o campo se especializou na produção de alimentos e matérias-primas, em grande parte enviados para a cidade, e esta por sua vez, se especializou nas atividades comerciais, político-administrativas e na fabricação de bens econômicos, inicialmente através da manufatura e, por fim através da fábrica.

Pelotas também vive com intensidade este processo, já que as relações de trabalho sofrem mudanças fundamentais em função das novas formas de produção, de industrialização e da internacionalização econômica, que promovem profundas mudanças no espaço e na sociedade. Esse fenômeno é composto por dois elementos importantes, a divisão social do trabalho, caracterizada pela disparidade de renda entre os indivíduos e ao mesmo tempo pela divisão espacial do trabalho, marcada pelas diferenças regionais e urbanas.

Para o espaço urbano em constante evolução essas mudanças foram inevitáveis e, neste contexto, Pelotas sofreu um forte impacto, tanto quanto ao seu crescimento populacional como espacial, gerando assim o aparecimento de regiões periféricas. Esse afluxo de pessoas em direção a área urbana não encontrou a cidade preparada para os receber de forma digna, com oferta de moradias e serviços públicos essenciais. Atualmente, é cada vez maior o número de pessoas vivendo nas periferias, ocupando geralmente loteamentos irregulares.

A necessidade de trabalho e moradia obriga os trabalhadores a buscar soluções imediatas. Morar próximo ao local de trabalho tornou-se sinônimo de economia, mesmo que nesses locais o saneamento seja deficiente, haja dificuldade

[25] Autor/ Apresentador – acadêmico do Curso de Geografia UFPel/ RS
[26] Orientadora - Professora Doutora do Departamento de Geografia e Economia UFPel/ RS

de abastecimento, difícil acesso aos serviços básicos e maior possibilidade de ocorrência de enchentes. Essas moradias em locais não apropriados acabam por gerar diversos problemas entre as atividades urbanas e o ambiental, pois, com a dificuldade de acesso a uma parcela de terra para moradia, torna-se comum a construção de casas, principalmente por parte da população de baixa renda, muito próximas aos mananciais de água, para onde são transportados toda a sorte de esgotos domésticos, além dos dejetos tóxicos das indústrias.

O controle ambiental através do disciplinamento do uso do solo não é suficiente para garantir a qualidade da água superficial, já que os grande rios, arroios e mesmo os pequenos córregos que atravessam as aglomerações urbanas no Brasil são usados como evacuadores de águas servidas e depósito de lixo. Além de problemas de poluição e de proliferação de vetores por ocasião de chuvas intensas, esses cursos de água costumam transbordar, ampliando os problemas sanitários e ambientais.

É natural que todas as atividades humanas causem alterações na natureza, mas aqui, o que nos interessa, são as modificações de caráter nocivo, que afetam direta ou indiretamente a qualidade de vida e o bem estar do ser humano. Estamos tratando, das margens do arroio Santa Bárbara e a instalação de várias indústrias, algumas de grande porte e que foram de extrema importância no processo de degradação ambiental daquele, devido ao despejo de rejeitos químico-industriais nas águas do arroio

Este fato foi determinante na redução da dimensão do arroio, assim como na transformação do mesmo em ambiente nocivo à população ribeirinha. Mesmo moradias continuam sendo construídas às margens do Santa Bárbara, sem planejamento e resultado de uma ocupação desenfreada com origem no êxodo rural, associado a localização próxima da área central da cidade e das empresas onde seus moradores trabalhavam. Dessa forma a falta de infra-estrutura, esclarecimento ou mesmo por comodidade, o lixo residencial desses moradores foi sendo despejado nas margens do arroio e, com o passar dos anos tornou-se um acúmulo tão grande que transformou o Santa Bárbara em um verdadeiro depósito de lixo a céu aberto.

O processo de degradação do Arroio Santa Bárbara não é recente e vem sendo mais intensamente denunciado pela população desde o final da década de 60.

Desde então, os problemas já eram relacionadas à industrialização da cidade e ao destino da eliminação de detritos feito pela rede de esgotos, acarretando mau-cheiro, sujeira e transbordamento de valetas, resultado da falta de uma política governamental clara para a questão e do desconhecimento da população sobre os efeitos da poluição residencial sobre os recursos hídricos de modo geral.

CRUZ, Glenda Pereira da. PELOTAS ESPAÇO CONSTRUÍDO NO INÍCIO DA REPÚBLICA. In: **WEIMER**, Günter. (Org.) Urbanismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS / Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 1992.

SOARES, Paulo R. R. et al. MODERNIDADE URBANA E DOMINAÇÃO DA NATUREZA: O saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. HISTÓRIA EM REVISTA/ Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. UFPel – Pelotas, 2001 – Vol. 7, n.1 (dez.2001).

ANUNCIANDO UM NOVO ESTILO DE VIDA: OS CONDOMÍNIOS FECHADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE[27]

TÁSSIA COSER NORMANN[28];VANDA UEDA[29]

Nos últimos anos, observamos a expansão das novas urbanizações residenciais nas principais cidades brasileiras e, na região metropolitana de Porto Alegre este fenômeno não foi diferente. Neste sentido, as novas urbanizações residenciais na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) reforçam a fragmentação do espaço urbano onde percebemos uma maior dispersão da cidade. Além disso, esse fenômeno leva à transferência da população de maior poder aquisitivo das áreas centrais ou de zonas residenciais tradicionais para a periferia da cidade, gerando as chamadas “novas periferias”.

As novas formas de urbanização levaram ao surgimento de diversos produtos imobiliários, destinados a uma parcela de maior poder aquisitivo, que buscam áreas até então consideradas populares, mas que contam com todas as infra-estruturas básicas necessárias para sua implantação. Surgem então as novas periferias (de uma classe social elevada), tornando evidente as desigualdades sócio-econômicas entre as camadas sociais. Neste sentido, é possível perceber que a produção de novos espaços e novas formas de urbanização, na forma de empreendimentos urbanos fechados, a partir dos interesses, das lógicas, das forças e das relações de poder acentuará cada vez mais a polarização social e urbana, intensificando os conflitos sociais dos quais os moradores desses empreendimentos tencionavam proteger-se.

Nosso objetivo é identificar e analisar as novas realidades urbanas, através de novos produtos imobiliários existentes na Região Metropolitana de Porto Alegre,

[27] Primeiros resultados do projeto: *Novas periferias, novas urbanizações: expansão e fragmentação urbana na Região Metropolitana de Porto Alegre,* realizado junto ao Departamento de Geografia da UFRGS e financiado pela FAPERGS e UFRGS.
[28] Graduanda em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e BIC/FAPERGS
[29] Coordenadora do projeto e professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.

especialmente as novas urbanizações fechadas representadas aqui pelos condomínios residenciais horizontais.

A pesquisa, ainda em fase inicial, realiza-se em duas etapas e com o seguinte procedimento:

1-Revisão bibliográfica e documental sobre a temática a nível nacional e internacional;

2-Levantamento e análise de dados sobre os diferentes empreendimentos fechados na RMPOA.

Os primeiros passos foram: dar início a um levantamento da produção existente sobre a temática através de trabalhos e livros em bibliotecas e, além disso, iniciar uma pesquisa de dados sobre todos os condomínios fechados horizontais, principalmente – e como fonte de busca – aqueles cujas construtoras fizeram propaganda nos jornais da cidade, sobretudo no encarte dominical de Classificados de Imóveis do jornal Zero Hora. Outras fontes serão usadas para complementar esse banco de dados com informações técnicas específicas de cada empreendimento: as páginas em “webs” das construtoras e incorporadoras (que já começaram a ser visitadas), além de dados fornecidos pelo SINDUSCON e Secretaria de Obras Públicas de Porto Alegre.

Salientamos que, por estar em fase inicial, a pesquisa não dispõe de informações completas ou conclusivas; por isso, limitaremos esta apresentação à interpretação dos dados já coletados referentes aos primeiros meses (janeiro, fevereiro e março) do ano 2004.

Apesar disso, a partir desses dados é possível perceber diferentes tipos de condomínios, os agentes e suas estratégias na hora de implantação desses produtos imobiliários, além de localizar os empreendimentos e observar quais as áreas que estão sendo valorizadas com a construção dos mesmos.

De forma geral, a comunicação, assim como o projeto de pesquisa pretende, a partir da sistematização das novas formas urbanas, das discussões teóricas e das leituras, construir um perfil dos empreendimentos fechados na RMPA, que poderá servir de referência para trabalhos futuros, tendo em vista as poucas referências com relação às novas urbanizações fechadas existentes no Rio Grande do Sul, facilitando a abertura e reforçando a importância de novos campos de pesquisa na área da Geografia Urbana, a nível estadual, nacional e internacional.